INFLUÊNCIAS FRANCESAS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS VERDES DE PELOTAS E NOS EDIFÍCIOS DA CIDADE: 1870-1931

CARLOS ALBERTO ÁVILA SANTOS[*]

RESUMO

Este artigo discorre sobre a localização, a fundação e a origem da riqueza da cidade de Pelotas que, entre os anos de 1870 e 1931, contribuíram para a consolidação do espaço urbano do município e para o desenvolvimento da arquitetura historicista eclética nas caixas murais dos seus edifícios. Destaca a influência francesa na organização das praças, dos chafarizes importados desse país, que hoje ornamentam estes recintos verdes. Aponta para a participação de construtores imigrantes originados da França nas edificações do período e para o gosto francês que apresentam alguns dos prédios da época.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo, Arquitetura Eclética, Patrimônio.

ABSTRACT

This paper discusses the location, foundation and source of wealth of the city of Pelotas, which between the years 1870 and 1931 contributed to the consolidation of the urban space of the city and the development of eclectic architecture. Remarkable is the French influence in the organization of squares and the fountains imported from that country which still today adorn these green precincts. Participation of French immigrant builders at the time, whose taste is particularly shown on some buildings, is also discussed.

KEYWORDS: Urbanism, Eclectic Architecture, Heritage.

Atualmente, Pelotas é uma das maiores cidades do Rio Grande do Sul, estado do extremo sul do Brasil. (Figura 1) É a principal localidade da zona da campanha gaúcha, que faz fronteira com os países platinos: o Uruguai e a Argentina. Está situada na região Lagunar, onde estão incrustadas a Laguna dos Patos e as lagoas Mirim e Mangueira, extensa paisagem de planície formada

[*] Centro de Artes da UFPel.

por praias, dunas fixas (nas margens dos rios), instáveis (junto à orla do Oceano Atlântico) e banhados. (Figura 1) A vegetação é pobre, devido ao alto índice salino, composta por juncos, gramas rasteiras, capim das dunas, arbustos e bromélias, palmas e figueiras. Esta área é vizinha da região do Pampa, determinada por um planalto com ondulações suaves, com vastas pastagens que apresentam cerros e matas nas depressões dos açudes, córregos e rios, com vegetação lenhosa constituída por corticeiras e cinamomos, aroeiras e paus ferros, grajuviras e angicos, entre espécies variadas de plantas espinhosas. Os córregos, arroios e rios, num trajeto sinuoso, vão despejar suas águas nas lagoas. (SANTOS, 2007)



FIGURA 1 – Na imagem à esquerda: Mapa político da América do Sul. Na imagem à direita: Relevo do RS, onde sinalizamos as cidades de Rio Grande, Pelotas, Bagé e Jaguarão.
FONTE**:** Disponível em: http//imagens.google.com.br. Acesso em: 28 maio 2011.

Antes dos empreendimentos colonizatórios efetuados por portugueses e espanhóis, os donos dessas terras do sul do Brasil eram tribos indígenas, divididas em charruas e minuanos. As primeiras iniciativas de colonização da área ocorreram com a fundação das missões jesuíticas espanholas no noroeste do atual estado, a partir de 1627, quando foi organizada a Redução de São Nicolau. (TREVISAN, 1978) As missões se fundamentaram na catequese dos índios, cuja mão de obra foi empregada nas construções das igrejas e das aldeias missioneiras, na fabricação de artefatos, de instrumentos musicais e de obras artísticas e,

sobretudo, na plantação da erva-mate e na criação do gado bovino, introduzido pelos padres. (PESAVENTO, 1990) Por questões políticas, os jesuítas foram expulsos da região no ano de 1759, restando nessas terras os rebanhos de gado, que se multiplicaram de maneira selvagem e se constituíram na principal riqueza dos campos do sul do país.

Desde então, o volumoso número de animais atraiu o interesse de portugueses e espanhóis pelas terras fronteiriças e desencadeou atritos entre as duas coroas – que buscaram resolvê-los através de tratados políticos e pela luta armada. Essa riqueza estimulou a doação de sesmarias pelas coroas ibéricas, a instalação de estâncias de criação e a fundação das cidades luso-brasileiras da fronteira meridional. O projeto do primeiro loteamento da primitiva vila que deu origem a Pelotas foi executado em 1815, pelo piloto de rumos Maurício Inácio da Silveira.[1] Um segundo loteamento foi desenhado pelo arquiteto civil Ernesto Eduardo Krestschmar, em 1834. (GUTIERREZ, 2004) No ano de 1835, a vila ascendeu à categoria de cidade. (SANTOS, 2007)

A condição de vila, determinada por Lei da Província, implicava na demarcação dos limites do município, na execução da planta do espaço urbano, na nomeação dos Conselheiros da Câmara, na construção da Casa de Câmara e Cadeia. A Lei também previa a nomeação de juízes e de uma quantidade de funcionários que auxiliavam nos serviços burocráticos administrativos. (WEIMER, 2004) Aos Conselheiros das Câmaras competia a elaboração dos Códigos de Posturas Policiais, sancionados pelo governo provincial. (MARX, 1991) Originalmente, o status de cidade era atribuído por Lei ao povoado ou vila mais importante de uma determinada área da então colônia portuguesa e, com a independência no ano de 1822, do império brasileiro. Salvador, primeira capital do Brasil, foi fundada como cidade. Olinda recebeu esse título depois da expulsão dos holandeses. O Rio de Janeiro foi assim nomeado quando transformado na nova capital brasileira. (WEIMER, 2004)

A localização de Pelotas junto às estâncias de gado instaladas na região do Pampa, que concorreram para a fundação de outras duas vilas denominadas de Jaguarão e Bagé,[2] (Figura 1) a

[1] Os pilotos de rumos eram treinados em cartografia pelas escolas militares portuguesas ou brasileiras, que acompanhavam as tropas de soldados traçando estratégias de combates, delimitando as terras ocupadas e os campos das sesmarias, as vias e os quarteirões dos povoados implantados na área de fronteira.

[2] Jaguarão e Bagé ascenderam ao status de cidade em 1835 e 1859, respectivamente.

possibilidade de escoamento de mercadorias através dos cursos navegáveis – o Arroio Pelotas, o Canal São Gonçalo e a Laguna dos Patos – favoreceram a exportação e contribuíram para que no município se criasse um núcleo charqueador. Até a data de 1888, quando foi decretada a abolição da escravatura no Brasil, a carne salgada produzida nas charqueadas pelotenses era escoada por meio da navegação fluvial e lacustre até a cidade de Rio Grande, localizada na margem do canal que liga a Laguna dos Patos ao Oceano Atlântico.[3] (Figura 1) De Rio Grande, o charque era transportado por meio da navegação marítima para os núcleos urbanos do centro e do nordeste do país. Servia como alimentação básica dos escravos que trabalhavam nas lavouras, sobretudo, nas plantações de cana de açúcar. As exportações do charque pelotense também alcançavam outros países do Novo Mundo, como Cuba e os Estados Unidos.

Dessa maneira, criou-se uma interdependência entre os municípios da fronteira meridional do Brasil. Nas fazendas instaladas nos campos de Jaguarão e de Bagé se desenvolviam as criações de gado bovino que, a cada ano, eram transportadas "em pé" ou através da navegação para serem vendidas em Pelotas. Nas charqueadas pelotenses se processavam as salgas das carnes dos animais e dos seus subprodutos. Em Rio Grande, o único porto marítimo da região da campanha gaúcha, se fazia a exportação da produção. A construção da estrada de ferro, que ligou Rio Grande, Pelotas e Bagé no ano de 1884, favoreceu as exportações e importações e a troca de mercadorias entre as três cidades. Ao mesmo tempo, consolidou o tripé econômico da região – porto, charque, gado – estruturado na criação, produção e exportação do couro, da carne salgada e de seus derivados.

[3] Rio Grande é o mais antigo centro urbano do Rio Grande do Sul, originado do povoamento que se formou no entorno da Fortaleza e Presídio Jesus, Maria e José, fundada em 1737. A vila de Rio Grande tornou-se cidade com a Lei da Província do ano de 1835.

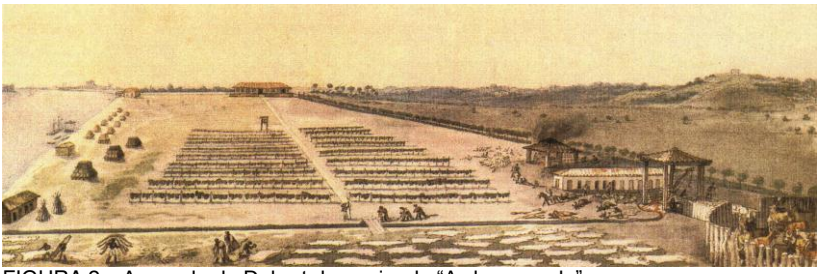

FIGURA 2 – Aquarela de Debret denominada “A charqueada”.
FONTE**:** DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. In: GUTIERREZ, Ester. **Pelotas**: palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil. (Especialização em Gestão do Patrimônio Integrado ao Planejamento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, 2004. p. 46.

As zonas de salga pelotenses eram compostas de potreiros e do terreno da matança. (Figura 2) Daí os bichos eram levados à cancha, esfolados e esquartejados. Os couros eram estaqueados e secos ao ar livre. Em galpões, as carnes eram desossadas, salgadas e levadas aos varais onde secavam ao sol. Em tachos de ferro ou de cobre ferviam-se em água os ossos, extraindo a gordura. Os sebos eram lavados e socados. As múltiplas tarefas eram exercidas pelos cativos, desde o amanhecer ao cair da noite dos meses de verão. A mão de obra era setorializada nas diferentes atividades. As ossamentas eram queimadas e utilizadas como adubo, exportadas com o mesmo fim, ou empilhadas compondo mangueiras e cercas. O ambiente insalubre e o ar fétido atraíam os mais variados insetos, aves de rapina e animais famintos.

Em outro galpão mais ou menos próximo se localizava a senzala e, um pouco além, a casa do senhor. Uma horta, um pomar – provavelmente cultivados pelas escravas – e uma olaria complementavam o complexo saladeril. A localização das charqueadas junto ao arroio era imprescindível, pois o mesmo era usado para escoamento dos produtos e também como esgoto, onde as vísceras dos animais eram jogadas. Através das águas chegavam as embarcações com o sal importado e necessário à produção do charque. Trabalhavam em cada fábrica de salgas uma média de cinquenta e quatro escravos. (GUTIERREZ, 1993) Durante as safras, em muitos desses estabelecimentos fabris eram abatidas de seiscentas a setecentas reses, diariamente. (OSÓRIO, 1922)

Por volta de 1822, existiam vinte e duas charqueadas

distribuídas ao longo das margens do Arroio Pelotas. (CEZAR, 1979) O período compreendido entre os anos de 1860 e 1890 é definido como de apogeu da produção do charque pelotense, (MAGALHÃES, 1995) quando foram computadas trinta áreas de salgas contíguas nas margens do Pelotas e do Canal São Gonçalo. (GUTIERREZ, 1993) Os lucros resultantes da produção e exportação do couro, do charque e de seus subprodutos enriqueceram num curto espaço de tempo os proprietários das charqueadas pelotenses. Muitos acumularam grandes fortunas, ampliadas com empréstimos de dinheiro a juros, com a construção de casas para aluguel, com a participação em diferentes empreendimentos urbanos efetuados pelos charqueadores.

Desde os primeiros tempos, estancieiros e peões da campanha que vinham a Pelotas trazendo os rebanhos para a venda na área das salgas, se hospedavam nos primitivos hotéis existentes, se alimentavam e buscavam divertimentos nos estabelecimentos que a localidade oferecia, compravam mantimentos nos armazéns e diferentes mercadorias nas lojas de comércio. Dessa maneira, grande parte dos lucros com a venda das reses restava na cidade, o que estimulou o crescimento do comércio e dos serviços.

A localização estratégica do município pelotense, ponto de passagem e de escalas das embarcações no porto ou dos trens que se dirigiam ao interior do estado, a movimentação de pessoas e de dinheiro decorrentes dos negócios efetuados nas manufaturas do charque e seus derivados e o desenvolvimento do comércio instigaram a migração de populações do interior da região, de outras províncias e de estrangeiros, que se instalaram no local em busca de melhores condições de vida. A cidade ascendeu como principal centro de comércio e investimentos da zona da campanha, pólo de distribuição de diferentes produtos importados do Velho Mundo, que chegavam através da navegação.

Entre os anos de 1870 e 1931 se consolidou o espaço urbano de Pelotas, que guardou distância do ambiente insalubre das charqueadas. Foi também durante esse período que se desenvolveu a estética historicista eclética nas caixas murais dos edifícios edificados, estilo introduzido na região por construtores de origem italiana. Tanto o primeiro, como o segundo loteamentos, (Figura 3) foram projetados com traçado “em retícula irregular heterogênea com quadrícula”, facilitando a demarcação e a comercialização dos lotes, como também a especulação das terras por antigos proprietários de sesmarias. (YUNES, 1995, p. 53) No Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XIX, os planos reticulados manifestaram a assimilação da modernização e permitiram que

vários aspectos da estrutura urbana, como o abastecimento de água, saneamento, higiene, iluminação, alinhamentos e regularização dos lotes, fossem incorporados à administração do espaço público, sob o suporte viário.

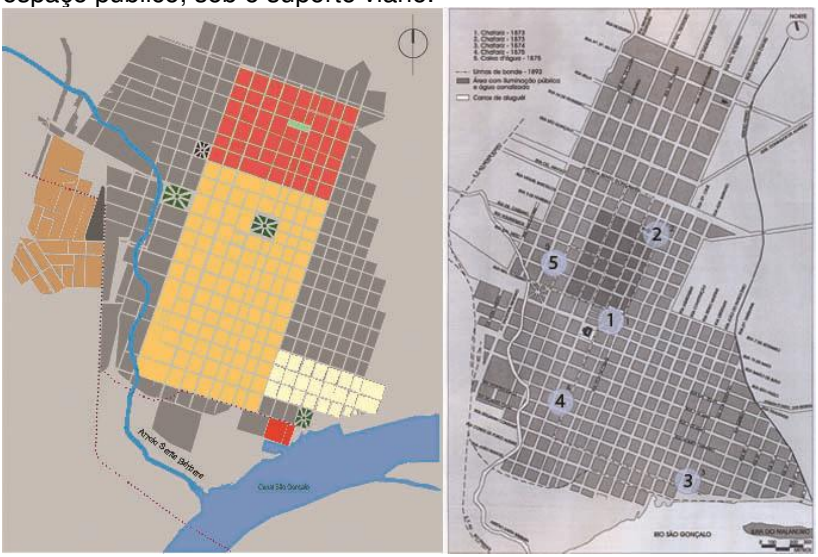

FIGURA 3 – Na imagem à esquerda: Planta da cidade de Pelotas, onde sinalizamos o primeiro loteamento (em vermelho) e o segundo (em amarelo), as praças (em verde) e o porto (em vermelho). Na imagem à direita: Planta de localização dos chafarizes e da caixa de água em ferro fundido, onde assinalamos: 1. Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. 2. Chafariz da Praça da Catedral, 3. Chafariz da Praça do Porto. 4. Chafariz da esquina das ruas Félix da Cunha e Gomes Carneiro. 5. Reservatório de água da Praça da Santa Casa.
FONTE**:** GUTIERREZ, Ester. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas: Ed. UFPel, 2004. p. 264.

Os traçados reticulados, com ruas paralelas que se desenvolvem no sentido leste-oeste, cortadas por vias perpendiculares traçadas no sentido norte-sul, permitiram a insolação dos quarteirões que se formaram e dos edifícios edificados. O sol matinal banha os limites periféricos dos quarteirões e as fachadas dos prédios voltados para o leste e para o norte. Durante a tarde o sol incide sobre as laterais das quadras e dos frontispícios voltados para o oeste e para o sul. No interior dos quarteirões, os lotes se desenvolviam perpendicularmente às ruas, apresentavam largura variável – que acordava com o poder econômico dos compradores, na aquisição de mais de um terreno. As construções ecléticas foram erguidas junto ao limite das artérias públicas, com quintais nos fundos, perfiladas de maneira contínua junto

aos alinhamentos periféricos dos quarteirões. Os lotes de esquina, por permitirem a construção de prédios que se destacavam dos demais por poderem explorar duas fachadas, foram disputados pelos ricos proprietários de construções residenciais e comerciais e, sobretudo, pelas casas bancárias.

Nas plantas reticuladas, quarteirões não edificados deram origem às praças. (Figura 3) Esses logradouros públicos originalmente eram sítios com vegetação nativa onde estacionavam carroças e carretas e pastavam os animais dos agricultores procedentes do interior do município, que na zona urbana efetuavam as trocas de mercadorias. No primeiro loteamento, que data de 1815, foi prevista uma praça onde foi construída a catedral da cidade. No segundo, executado em 1834, três quarteirões não edificados decorreram em três logradouros públicos. Um quarto logradouro se formou em frente ao cais do porto. No final do século XIX e princípios do XX, esses espaços foram arborizados e ajardinados para o lazer da população, transformados em áreas de passeio e contemplação da natureza, para apreciação da beleza, colorido e perfume das flores, "locais para mostrar-se e ser visto". (SEGAWA, 1996, p. 45)



FIGURA 4 – O chafariz das Nereides, no logradouro público que originou a Praça Coronel Pedro Osório.
FONTE**:** NOBRE, Nelson. Acervo do Projeto Pelotas Memória.

No mês de junho de 1873, foi instalado no logradouro público que hoje é a Praça Coronel Pedro Osório um chafariz importado da França pela Companhia Hidráulica Pelotense, (Figura 4) empresa recentemente criada da qual participavam vários charqueadores. Os estatutos da hidráulica, de 1871,[4] registraram a obrigatoriedade da instalação de um reservatório e de quatro chafarizes de ferro que,

[4] Os estatutos da antiga Companhia Hidráulica Pelotense estão conservados na Biblioteca Pública Pelotense.

além de seus respectivos repuxos, teriam quatro torneiras ou *bornefontaines*[5] com candelabros para o serviço – diário e noturno – de distribuição de água. (SANTOS, 2007) Na obra *Fontes d'art à Rio de Janeiro*, a pesquisadora Eulália Junqueira esclareceu que a denominação *borne-fontaine*, ou fontes do tipo *stela*, define aquelas apoiadas verticalmente em muros ou paredes, acompanhadas de tanque ou bacia que recebem as águas vertidas continuamente pelas gárgulas, servindo às populações do entorno. (JUNQUEIRA, 2000)



FIGURA 5 – O chafariz das Nereides.
FONTE**:** Foto do autor, 2007.

As chamadas fontes *d'art*, chafarizes, estátuas, postes de iluminação e ornamentos em ferro fundido destinados para os espaços públicos foram moda na Europa do século XIX e princípios do XX, e resultaram da associação da produção industrial e da criação artística. As fontes *d'art* foram produzidas em série, a partir de 1830, na região francesa da Champagne, nos Departamentos do Marne e de Haute-Marne, nas cidades de Vitry-le-François, Saint-Dizier e Bar-le-Duc, onde se instalaram as fábricas Val d'Osne, Capitain-Geny e Dommartin. Essa produção celebrizou grandes escultores e milhares desses ornamentos urbanos foram exportados para diferentes países do mundo. (TREBOR, 2000) Os objetos realizados em ferro fundido surgiram como materiais extraordinários para os elementos funcionais e ornamentais exteriores, dado que

[5] Neste artigo, optou-se por conservar a escrita da época registrada nos documentos e jornais pesquisados, por estar impregnada de um sentido de modernidade que caracterizou as mentalidades daqueles que – durante o período estudado – propuseram, ergueram e habitaram a cidade de Pelotas.

regularmente pintados apresentam grande resistência às intempéries e à passagem do tempo, por não serem permeáveis à umidade ou as águas. (LOYER, 1983)

No mesmo ano de 1873, um segundo chafariz foi instalado pela Hidráulica Pelotense na Praça da Catedral São Francisco de Paula. (Figura 3) Em 1874, foi implantada uma terceira fonte na Praça do Porto. No ano de 1875, um quarto chafariz ocupou a esquina das ruas Félix da Cunha e Gomes Carneiro. E ainda, em agosto do mesmo ano de 1875 foi finalizada a construção, na Praça da Santa Casa de Misericórdia, do reservatório de água fundido em ferro e importado da Escócia. (XAVIER, 2006) O objetivo primeiro da hidráulica era a canalização de água potável para esses pontos estratégicos da cidade, beneficiando os habitantes das diferentes zonas centrais da urbe. A água captada do Canal São Gonçalo, tratada e canalizada por meio do reservatório até as fontes, era vendida pelos aguadeiros[6] nestes locais ou, distribuída em carros-pipa com tração animal.

O relatório de 1876 da Hidráulica Pelotense demonstrou que a renda dos aguadeiros com a venda de água dos chafarizes diminuía a cada dia. Tal declínio decorreu da instalação de penas nos prédios públicos e privados, realizada a partir do início das canalizações subterrâneas construídas no mesmo ano. (GUTIERREZ, 2003) Em pouco tempo, a distribuição de água potável por meio dos chafarizes e aguadeiros foi interrompida, mas as fontes restaram no espaço urbano. Estrategicamente instalados nos pontos centrais das praças, (Figura 3) os modernos equipamentos de ferro fundido enriqueceram os recintos verdes, posto que, enquanto ornamentos exteriores – impregnados do sentido de progresso e cultura – coincidiram com o interesse da administração pública e da elite em qualificar os espaços da cidade, segundo o gosto francês.

Ao valor utilitário inicial desses instrumentos urbanos, se sobrepuseram os valores históricos e estéticos dos chafarizes e do reservatório de água. O valor histórico – identificado por construções peculiares ao período de modernização dos países europeus, na fundição em ferro das múltiplas peças que compõem os chafarizes característicos da produção fabril francesa do século XIX, importados por uma companhia de uma cidade periférica de um país de periferia, signos da modernidade alcançada, no Velho e no Novo

[6] Os aguadeiros eram “negros escravos de ganho” empregados por seus proprietários na hidráulica, que vendiam a água junto aos chafarizes ou a negociavam em carros-pipa pelas ruas da cidade.

Mundo. O valor estético – materializado pelas ornamentações que enriquecem estes monumentos do espaço urbano, nas decorações das pias e dos tanques que utilizam conchas e cornucópias, cavalos-marinhos e figuras mitológicas, de ninfas e de divindades do mar e das águas ligadas às fontes, e de alegorias de musas que remetem à doutrina positivista do francês Auguste Compte, (Figura 6) dos atributos referentes às artes, à indústria e ao comércio, que assinalavam a criação das repúblicas parlamentaristas do mundo ocidental, na "solução religiosa do problema humano". (DIÁRIO POPULARa, 1925, p. 3)



FIGURA 6 – As musas do chafariz das Nereides.
FONTE: Fotos do autor, 2011.

Essas razões levaram à construção dos embasamentos de alvenaria com degraus de acesso aos tanques das fontes, (Figura 5) dado que as bases ampliaram as qualidades estéticas destes equipamentos metálicos, que na sua origem foram implantados ao rés do chão. (Figura 4) Os pedestais de alvenaria deram maior imponência a estas peças, destacando a visão em perspectiva para o ponto central das praças pelotenses, para onde convergem os caminhos principais para os pedestres. O chafariz da Praça Coronel Pedro Osório foi elevado por base com degraus no ano de 1890. (XAVIER, 2006) O chafariz da esquina das ruas Gomes Carneiro e XV de Novembro foi transferido para o núcleo central da Praça Cypriano Barcellos, no ano de 1911, quando recebeu a base de alvenaria com degraus. (SANTOS, 2007) Muito tempo depois, no ano de 1981, após a construção do calçadão da Rua Andrade Neves, principal via de comércio da atual Pelotas, a Prefeitura promoveu o translado do chafariz da Praça do Porto para local estratégico do passeio de pedestres, dado que o mesmo estava situado em lugar distante e pouco visível aos habitantes e visitantes da cidade. (XAVIER, 2006)

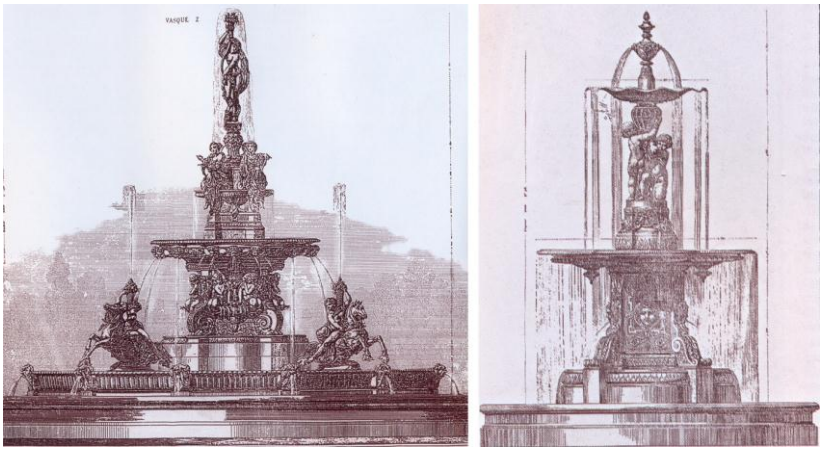

FIGURA 7 – O chafariz das Nereides e a fonte dos Cupidos no catálogo da fábrica de fundição Val d'Osne.
FONTE: ALVES, José Francisco. **A escultura pública de Porto Alegre**. Porto Alegre: Artfólio, 2004. pp. 22 e 23.

Provavelmente, todos os chafarizes instalados pela Companhia Hidráulica Pelotense foram adquiridos da fábrica de fundição Val d'Osne, de Antoine Durenne. A obra *A escultura pública de Porto Alegre*, (ALVES, 2004) registra pranchas do antigo catálogo da firma francesa, (Figura 7) com desenhos idênticos aos do chafariz da Praça Coronel Pedro Osório e da fonte da Praça Cypriano Barcellos, denominadas como Fonte das Nereides (Figuras 5 e 6) e Fonte dos Cupidos (Figura 8) pela população local.



ILUSTRAÇÃO 2 – O Chafariz dos Cupidos.
FONTE: Fotos do autor, 2010.

Esses catálogos eram comuns na época, figuravam nas Grandes Exposições Universais e eram divulgados em diferentes locais do mundo. Nas cidades dos continentes europeu ou americano, organizações privadas ou públicas escolhiam, adquiriam e importavam essas peças isoladas ou acrescidas de novos elementos e acessórios de ferro fundido, como os cavalos-marinhos da Fonte das Nereides e os postes de iluminação pública, dispostos ao redor deste chafariz ou da Fonte dos Cupidos.

No ano de 1876, foi iniciada a plantação de árvores no logradouro público central do segundo loteamento pelotense, que originou a atual Praça Coronel Pedro Osório. (CORREIO MERCANTIL, 1876) No ano seguinte foram concluídas as obras do gradil de ferro, com estrutura de alvenaria, que cercou os limites periféricos do novo espaço verde, circundado por passeios externos revestidos com "soleiras de lages", originadas de Porto Alegre. (CORREIO MERCANTIL, 1877, p. 1) Em novembro do mesmo ano de 1877, teve início o ajardinamento da praça. O jardim foi projetado e executado pelo francês Achiles Beauvalet, contratado pela Câmara Municipal. (CORREIO MERCANTILa, 1878). O espaço circular definido pelo gradil foi dividido por oito e largos caminhos pavimentados com ladrilhos hidráulicos, que se cruzam no núcleo central, onde estava implantado o chafariz das Nereides. Nas oito subdivisões do terreno se organizaram, de maneira simétrica, canteiros com diferentes formas geométricas, cujos desenhos determinados pelas plantas ornamentais dialogavam entre si – pelas manchas e contrastes de cores das vegetações e das flores, pelos arbustos podados em volumes geometrizados, pela visão em perspectiva do chafariz criada pelos passeios. (Figura 9) Essas peculiaridades individualizam a inspiração nos jardins franceses dos séculos XVII, XVIII e XIX, para a composição do projeto executado.



FIGURA 9 – O jardim da Praça Coronel Pedro Osório.
FONTE: MICHELON, Francisca e SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008. p. 39.

Para o Natal de 1878, providenciou-se a iluminação da área com a instalação de oito lampiões a gás no entorno do chafariz. (CORREIO MERCANTILb, 1878) Os postes de ferro fundido dos lampiões a gás – e mais tarde elétricos – se constituíram em novos requintes do espaço urbano. Além da iluminação que propagavam, eram equipamentos importados de lugares industrializados e civilizados, signos da modernidade e do ecletismo disseminados no centro urbano pelotense. Ampliando o aspecto bucólico deste recinto verde, no ano de 1879 foi construído um lago no interior da praça, onde nadavam carpas coloridas, patos e cisnes, com românticas pontes metálicas que permitiam o translado dos visitantes para uma pequena ilha central. O jardim ao gosto francês criado na Praça Coronel Pedro Osório serviu como modelo para a organização dos outros logradouros públicos pelotenses, para a criação de novos territórios bucólicos para a contemplação e lazer da população.

No entorno da Praça Coronel Pedro Osório foram erguidos os principais edifícios públicos e privados da cidade: o Teatro Sete de Abril (1833, reformado interna e externamente em 1916), a Intendência Municipal (1881), a Biblioteca Pública Pelotense (1878/1888, reformada entre 1911 e 1913, quando ganhou um segundo pavimento), o Clube Caixeiral (1905), o Banco do Brasil (1928), o Grande Hotel (1928), requintadas construções residenciais e comerciais. As caixas murais desses edifícios são características da estética arquitetônica historicista eclética. (SANTOS, 2002)

Quando da construção do primeiro pavimento da Biblioteca Pública Pelotense, um concurso público foi proposto pela diretoria do estabelecimento, para a seleção do projeto do novo prédio. No dia vinte e um de maio de 1878, o jornal Correio Mercantil divulgou a inscrição de um construtor francês, que na época trabalhava para a administração da cidade vizinha de Rio Grande:

> "O distinto e habil engenheiro constructor, Sr. Dominique Pineau, actualmente residente no Rio Grande e ao serviço da camara de vereadores d'aquela cidade, acaba de offerecer à diretoria da Biblioteca Publica Pelotense a planta do edificio que se trata de construir para aquele estabelecimento. É um trabalho importante, bellíssimo, que revela o bom gosto e a proficiencia do Sr. Pineau". (CORREIO MERCANTILc, 1878, p.1)

A notícia do antigo periódico pelotense complementava:

> "Traçado sob todos os preceitos da arte moderna, apresenta o plano um pensamento magnifico: no centro superior da platibanda, que é

> ornada de estátuas e lindos arabescos, destaca-se um livro aberto mostrando o anno da construção – pouco abaixo, emblemas de sciencias e da litteratura e, no alto da porta principal – o sol com a legenda "sol lucit omnibus" tudo elegantemente decorado com arabescos e desenhos architectonicos".

A legenda "o sol brilha para todos", como as decorações de estuque representando símbolos das ciências e da literatura acordavam com a doutrina positivista de Auguste Compte. O mesmo jornal publicou no dia quatro de julho do mesmo ano a inscrição de outro concorrente, o construtor estrangeiro de origem italiana, José Isella: "O habilissimo architecto Sr. José Izella, acaba de oferecer à Biblioteca Publica Pelotense, uma belissima planta, alta e baixa, para o edificio que aquella instituição pretende construir brevemente". (CORREIO MERCANTILd, 1878, p.1) O texto concluía com as informações: "Pertence o desenho à ordem Corinthia e foi executado com todo o gosto e habilitação que distinguem aquelle honrado artista".

Foi vencedor do concurso o projeto do italiano José Isella. Três anos depois, o engenheiro francês Dominique Pineau foi contratado para edificar a Escola de Agronomia Eliseu Maciel, em lote de esquina do largo vizinho à Praça Coronel Pedro Osório e, fronteiro ao Mercado Público Pelotense. (Figura 10) Na fachada principal da caixa mural, destaca-se o pórtico saliente ao frontispício, constituído por colunas com capitéis coríntios que sustentam o frontão, que abriga a escadaria com degraus de mármore de acesso ao interior do prédio. No tímpano do frontão estão dispostos elementos ornamentais realizados em estuque: destacamos uma cartela, onde estão inscritas as palavras *Fiat Lux*; um globo; uma régua "T"; um transferidor; uma âncora e um capitel jônico. No alto do frontão, o mascarão de uma alegoria da luz – de onde divergem múltiplos raios – responde à inscrição "Faça-se a luz". São decorações que remetem ao positivismo, ao conhecimento por meio das ciências e das artes, associadas à luz da sabedoria proporcionada pela escola aos alunos.



FIGURA 10 – Na imagem à esquerda: A fachada da Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Na imagem à direita: As decorações de estuque do frontão.
FONTE**:** Fotos do autor, 2011.

A cada lado da porta de entrada, novos símbolos positivistas estão representados em relevos de estuque. Em um deles estão arranjados uma paleta, um compasso, uma lira e um instrumento de sopro, envolvidos por uma coroa de louros. No outro estão organizados um livro aberto e uma cartela, instrumentos musicais e de desenho e duas bacias da balança da alegoria da justiça, entre ramos de louro. São simulacros das atividades e regras propostas pelo estabelecimento, que levariam à ordem e ao progresso, o que é reforçado por novas decorações estucadas sobre as janelas da edificação, com as palavras *industria*, *artes*, *sciencias* e *litteratura*, enfeitadas com guirlandas de flores. Abaixo de cada uma delas, destacam-se as figuras de estrelas, símbolos da República brasileira, no centro de novas coroas de louros.

No ano de 1922, formou-se em Pelotas a Companhia Incorporadora Grande Hotel, responsável pela organização que angariou fundos para a construção de um novo hotel, que respondesse ao "espírito progressista" da sociedade pelotense. (DIÁRIO POPULAR, 1923, p.1) Foi comprado um terreno de esquina fronteiro a Praça Coronel Pedro Osório e lançado concurso público para a escolha da planta a ser edificada. A comissão julgadora elegeu o projeto de Theophilo de Barros, titular da Diretoria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul. A pedra fundamental da construção foi lançada em 14 de julho de 1925, data comemorativa da Queda da Bastilha, identificada com a "universal transformação do ocidente, em que foram instituídos os elementos do futuro, a indústria, a ciência e a poesia". (DIÁRIO POPULARa, 1925, p. 3)



FIGURA 11 – Na imagem à esquerda: O Grande Hotel. Na imagem à direita: A antiga sede do Banco do Brasil.
FONTE: Fotos do autor, 2011.

O lote de esquina permitiu a construção do edifício (Figura 11) com porão alto e quatro pavimentos, com “esqueleto de cimento armado”. (DIÁRIO POPULAR, 1923, p. 1) O porão foi destinado aos serviços prestados aos hóspedes: almoxarifado, lavanderia e adega. A fachada principal, voltada para a praça, recebeu maior ornamentação. Na esquina, o torreão cilíndrico reforça o eixo de convergência dos dois segmentos de fachada e salienta a visão em perspectiva do prédio. Uma cúpula metálica, ornada com nervuras e lunetas e arrematada por um elemento em forma de coroa, esconde o reservatório de água e conclui a composição da caixa mural. O Grande Hotel foi inaugurado em 1928.

Em fevereiro de 1925, o engenheiro Paulo Gertun venceu a concorrência para a construção da filial do Banco do Brasil de Pelotas. (DIÁRIO POPULARb, 1925) Em dezembro de 1926 foram iniciadas as obras, no terreno situado na esquina oposta da construção do Grande Hotel, em frente à praça central. A agência abriu suas portas dois anos depois, no mês de julho de 1928. (DIÁRIO POPULAR, 1928) A caixa mural (Figura 11) erguida sobre porão alto talhado em pedras de granito intercala janelas protegidas por grades de ferro e falsas colunas *palladianas* com capitéis jônicos, é complementada com telhado aquilino metálico – com mansardas circulares – e coroada por cúpula importada também

metálica. O soco de pedra contrasta com as paredes de alvenaria e ancora a construção sobre o chão, dado que “sentimos que as paredes de granito são mais pesadas do que as de tijolos”, (RASMUSSEN, 2002) e comunicava a ideia de solidez e segurança dos serviços prestados pela companhia bancária.

As duas últimas construções apresentadas assimilaram a influência francesa. Erguidos em cimento armado nas esquinas dos quarteirões, esses prédios adotaram a solução dos edifícios *haussmannianos* de Paris, com dois segmentos de fachada que convergem para os torreões – cilíndrico e chanfrado – que abrigam os pórticos de entrada aos ambientes interiores, arrematados com cúpulas de cobre ou de ferro fundido.

Na esquina das ruas Félix da Cunha e Benjamin Constant, foi erguida entre os anos de 1926 e 1927, a vila residencial do advogado Bruno de Mendonça Lima. (Figura 12) Normalmente, as vilas residenciais se constituíram em sobrados erguidos no centro de grandes lotes, organizados em jardins pitorescos. Os pavimentos térreos eram divididos em áreas sociais e de serviços. Nos andares superiores se distribuíam os quartos de dormir e banheiros. O prédio foi projetado pelo arquiteto nascido na França Julio Delanoy e mescla influências francesas, inglesas e germânicas. Essas características são visíveis no corpo saliente do torreão erguido no ângulo de esquina da caixa mural, que compõe as janelas de ângulo, também denominadas *bay windows*, no trabalho de estucaria que simula o emprego de madeira aparente na superfície das paredes – técnica característica do período gótico, sobretudo na difusão do estilo na Europa setentrional e central. (KOCH, 2004) O telhado com placas de ardósia, recortado em múltiplas águas, que remete à mecanização e à civilização desenvolvida europeia. (REIS FILHO, 1987)



ILUSTRAÇÃO 3 – A vila residencial do advogado Bruno de Mendonça Lima.
FONTE: MOURA, Rosa Rolim de e SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998. p. 131.

Entre as datas de 1870 e 1931, influências francesas se incorporaram à mentalidade e à ideologia republicana da sociedade burguesa e moderna pelotense, e se materializaram na organização e construção do espaço urbano da cidade e nos elementos funcionais e ornamentais das caixas murais dos edifícios erguidos durante o período, signos de desenvolvimento e do progresso alcançado pela localidade. Essas peculiaridades se manifestaram nas denominações de algumas ruas, na importação dos chafarizes em ferro fundido, no ajardinamento dos logradouros públicos transformados em praças, na presença de construtores originados da França, nas composições dos frontispícios dos prédios edificados. Nos dias atuais, as praças, os equipamentos metálicos da antiga hidráulica, os postes de ferro fundido da iluminação pública e os prédios ecléticos edificados ascenderam à condição de monumentos e compõem o Patrimônio Cultural de Pelotas.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CITADAS

ALVES, José Francisco. **A escultura pública de Porto Alegre.** Porto Alegre: Artfólio, 2004.

CEZAR, Guilhermino. Ocupação e diferenciação do espaço. IN: DACANAL, José e GONZAGA, Sergius. (Org) **RS:** Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

CORREIO MERCANTIL. **Praça Pedro II.** Pelotas, 28 jul. 1876.

CORREIO MERCANTIL. **Praça Pedro II.** Pelotas, 10 mai. 1877.

CORREIO MERCANTILa. **Praça Pedro II.** Pelotas, 19 set. 1878.

CORREIO MERCANTILb. **Praça Pedro II.** Pelotas, 14 dez. 1878.

CORREIO MERCANTILc. **Biblioteca Publica.** Pelotas, 21 mai. 1878.

CORREIO MERCANTILd. **Biblioteca Publica.** Pelotas, 4 jul.. 1878.

DIÁRIO POPULAR. **O Grande Hotel.** Pelotas, 7 set. 1923.

DIÁRIO POPULARa. **Discurso de Fernando Luis Osório.** Pelotas, 16 jul. 1925.

DIÁRIO POPULARb. **Banco do Brasil**. Pelotas, 12 fev. 1925.

DIÁRIO POPULAR. **Banco do Brasil.** Pelotas, 12 jul. 1928.

GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias:** um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 1993.

_____. **Barro e sangue:** mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

_____. **Pelotas:** palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil. (Especialização em Gestão do Patrimônio Integrado ao Planejamento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

JUNQUEIRA, Eulália. Des allégories françaises dans le Rio. IN: ALORE, Claude Cohen. **Fontes d'Art à Rio de Janeiro**. Paris: Les Éditions de l'Amateur, 2000.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOYER, François. **Le siècle de l'industrie**: 1789-1914. Paris: Skira, 1983.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:** um estudo sobre a cidade de Pelotas (1680-1890). Pelotas: Mundial, 1993.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel/USP, 1991.

MICHELON, Francisca e SCHWONKE, Raquel. **Retratos de uma cidade.** Pelotas: Ed. UFPel, 2008.

MOURA, Rosa Rolim de e SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da arquitetura pelotense.** Pelotas: Pallotti, 1998.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas.** Pelotas: Tip. do Diário Popular, 1922.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras, vitrines:** estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002.

_____. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil:** 1870-1931. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.

RAUSMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor ao público:** jardins do Brasil. São Paulo: Nobel/FAPESP, 1996.

TREBOR, Alif. Statues et fontaines de Rio de Janeiro. IN: ALORE, Claude Cohen. **Fontes d'Art à Rio de Janeiro**. Paris: Les Éditions de l'Amateur, 2000.

TREVISAN, Armindo. **Escultura dos sete povos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

XAVIER, Janaína Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas:** elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). 2006. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas.

YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas**: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul. 1995. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/
editfurg@mikrus.com.br